

• Nacional 11 NOV 1993

Econ. Brasil
POLÍTICA ECONÔMICA

“Plano de estabilização é uma questão de estratégia política”

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

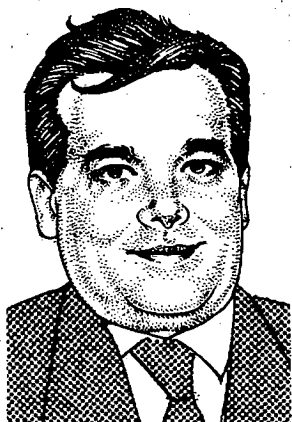
O governo poderá anunciar um programa de medidas fiscais, seguido de medidas de desindexação para baixar a inflação no curto prazo. Esta possibilidade foi ontem admitida pelo diretor da área internacional do Banco Central e um dos assessores que trabalha no programa do governo, Gustavo Franco, indicando que a iniciativa dependerá da avaliação do ministro da Fazenda e do presidente da República face à atual situação. “É uma questão de estratégia política”, disse ele.

O ministro Fernando Henrique Cardoso negou mais uma vez ontem que o governo tenha intenção de lançar um pacote econômico nos próximos dias. Ele disse que até o final do mês sai o novo Orçamento de 1994 e algumas idéias para a revisão constitucional. “A única âncora é a fiscal”, disse.

Ontem, Franco assegurou aos empresários estrangeiros reunidos em Brasília no seminário sobre o Brasil patrocinado pela revista britânica The Economist que “não há a intenção do governo em comprometer o setor exportador do País em nome da estabilização”.

Os empresários reunidos no seminário mostraram preocupação com a possibilidade de a política de estabilização brasileira tomar a forma do modelo argentino, onde a taxa de câmbio é fixa e tem tornado o peso sobrevalorizado frente ao dólar. A este jornal, Franco explicou o contraste com a Argentina, predominantemente agropecuária, que

DNER — O Ministério dos Transportes anunciou ontem um programa de recuperação e melhoramento de rodovias no Estado de Minas Gerais. Que tem a maior malha rodoviária federal do País. Do total de 17.413 quilômetros implantados, 9,6 mil estão sob conservação direta do ministério e em convênios com o DNER, e o governo de Minas Gerais.



Gustavo Franco

poderia se dar ao luxo “de patrocinar uma sobrevalorização cambial imensa”.

“Não é o nosso caso. Nós temos uma restrição muito objetiva a qualquer aventura cambial. Precisamos, toda vez que pensamos em âncoras, considerar nossa tradição de manutenção da taxa de câmbio real, que remonta aos anos 60. Não podemos jogar fora a cultura das minidesvalorizações que inventamos”, afirmou o diretor do BC. Para ele, continuará havendo espaço para acumulação de reservas, mesmo que o diferencial de taxas de juro entre o mercado doméstico e o internacional caia de 22% para algo em torno de 6%, 7% ou 8%. A própria estabilização criaria o ambiente para isso.

“Será um confronto, ou pelo menos uma competição entre os grupos que querem a estabilização e os grupos que não querem, nós temos consciência de que é difícil mas é uma batalha que terá de ser enfrentada, seja por nós ou por outras equipes que virão depois de nós. Se perdermos, nossa postura acabará sendo vencedora um dia, porque o País não pode conviver com 35% de inflação para o resto da vida”, opinou o diretor do BC, adiantando que boa parte do ajuste fiscal é redução de despesas, o que torna ainda mais difícil a aprovação das medidas pelo Congresso.